

A arquitetura religiosa norte-italiana e a paisagem ribeirinha de Alfredo Chaves, ES

The North Italian religious architecture and the riverside landscape of Alfredo Chaves, ES

Juliana de Souza Silva Almonfrey
(DTAM-UFES/SEBRAE)

Resumo: O artigo apresenta um estudo de caso relacionado ao tema da constituição da arquitetura religiosa de colonos italianos na paisagem ribeirinha capixaba. Por meio de análises, reflete sobre os processos de assimilação e de adaptação regional, bem como os aspectos da manutenção das tradições da região de origem dos imigrantes na configuração dos edifícios. Compreende a arquitetura como manifestação da identidade da comunidade e dos momentos de sua formação.

Palavras-chave: arquitetura religiosa; imigração italiana; Alfredo Chaves – ES.

Abstract: The article presents a case study related to the establishment of the religious architecture of Italian settlers in the riverside landscape of Espírito Santo. Through analyses, it reflects on the processes of assimilation and regional adaptation, as well as the aspects of maintaining the traditions from the immigrants' place of origin in the configuration of the buildings. It understands architecture as a manifestation of the community's identity and the moments of its formation.

Keywords: religious architecture; italian immigration; alfredo chaves - es.

DOI: <https://www.doi.org/10.47456/rf.rf.2132.46320>



Figura 1. Fotografia da Igreja de Santa Maria Madalena, Matilde - Alfredo Chaves. Nota-se a presença de andaimes que foram utilizados na última reforma. Fonte: foto da autora.

Era o ano de 1874 e chegava ao estado do Espírito Santo um grupo de estrangeiros advindos das regiões do norte da Itália. Um total de 388 imigrantes, que foram trazidos pelo navio *La Sofia*, por meio da expedição Tabacchi. Batizada com o sobrenome do seu idealizador, o italiano Pietro Tabacchi, a viagem promoveu pela primeira vez a vinda de italianos em massa para terras capixabas. O processo se intensificou nos anos seguintes e, dentre os estrangeiros de várias nacionalidades que vieram para o Brasil no século XIX, os italianos foram os que chegaram em maior número ao Espírito Santo.¹

Ao longo dos anos de imigração, a paisagem do município interiorano de Alfredo Chaves -ES foi desenhada por construções católicas, muitas delas a poucos quilômetros das outras e de variada devoção. No entorno das primeiras capelas improvisadas e feitas com materiais da região (barro, areia, madeira e pedra) é que as comunidades de colonos foram formadas. Várias delas estão preservadas e com o uso religioso ativo, testemunhando um tempo passado. Até os dias atuais, próxima aos córregos do rio Benevente, em meio às colinas e às

¹ Apenas no século XIX, o número de imigrantes vindos da Itália alcançou 75% do total de estrangeiros que chegavam ao solo capixaba. A maior parte era procedente do Norte e composta por famílias de agricultores e de religião católica. Para mais dados cf. Franceschetto; Lazzaro, 2014.



Figura 2. Ilustração da Igreja de Santa Maria Madalena em Cannaregio, Veneza, Itália, com a presença da torre sineira à direita, esta foi demolida em 1888. A igreja permanece no local até os dias atuais. Fonte: <http://churchesofvenice.com/cannaregio2.htm#santamarmadd>. Acesso em: 06 jun. 2025.

planícies, encontra-se uma arquitetura que aponta para a tradição de um tempo antigo e de um local longínquo: a terra natal.

Um desses edifícios é uma construção popularmente conhecida como Igreja de “Duas pontes”, localizada na comunidade de Santa Maria Madalena (Figura 1). De arquitetura peculiar em relação as demais da região, o templo é datado de 1888. Recebeu o título de Igreja de Santa Maria Madalena, santa de devoção dos colonos, a mesma que é padroeira de uma construção católica em Cannaregio - Veneza, norte da Itália (Figura 2). Refletindo os ares do neoclassicismo, a construção veneziana foi construída em 1780 com inspiração no Panteão Romano. Possui planta circular e originalmente era acompanhada por um campanário com um relógio, que foi demolido no ano de 1888.

A relação entre esses dois edifícios presentes em regiões distantes e também banhadas pelas águas será abordada nesse artigo. Assim, procura-se refletir se a configuração que tomou a igreja, construída pelos colonos recém-chegados ao Brasil, é resultado de um processo de manutenção das referências arquitetônicas de sua região de origem - o Vêneto e o Trento, no norte da Itália. Intenta-se, portanto, por meio desse estudo de caso, contribuir com uma reflexão sobre a constituição da arquitetura religiosa dos colonos italianos na paisagem ribeirinha capixaba.

Em relação à imigração italiana em Alfredo Chaves, foi em meados da década de 1870 que o fluxo migratório se intensificou no município, especialmente por pessoas oriundas das expedições. Os navios que chegavam atracavam no Porto de Vitória, de onde os estrangeiros tomavam embarcações em direção aos demais portos do Espírito Santo, localizados em Anchieta, São Mateus, Piúma, Guarapari e Santa Cruz, esta última região ficou conhecida como Colônia de Novo Trento. Alguns grupos seguiam de trem para outras regiões. Especificamente, sobre a região Sul do estado, onde estava o rio Benevente, havia a seguinte organização:

[...] colônia de Rio Novo multiplicava-se em cinco áreas, denominadas de Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto territórios, que se estendiam entre o rio Itapemirim e os afluentes do Benevente. Por este rio, cuja navegação em pequenas canoas se alcançava a atual cidade de Alfredo Chaves, entrou a maioria dos italianos a partir de 1875. (Franceschetto, 2014, p. 60)

A colonização do primeiro território já vinha ocorrendo desde 1845, por colonos agricultores de diversas nacionalidades, mas foi entre os anos de 1888 e 1900 que se efetivou a entrada em maior número de italianos pelo rio Benevente. Os estrangeiros, que foram sendo assentados em terras próximas ao curso do rio na atual localidade de Alfredo Chaves, posteriormente, se deslocaram pelo rio em pequenas embarcações até a sesmária Quatinga, onde fundaram o povoado de Alto Benevente. Alguns dos colonos, receosos com as enchentes e com ataques de indígenas, continuaram a subir o rio para se instalarem em uma área mais elevada, batizada de Vila de Todos os Santos.

Os primeiros anos em um território desconhecido eram de trabalho árduo e de dispersão social, como relata Posenato (1997):

O governo brasileiro, ao assentar os imigrantes em suas próprias terras, e não agrupados em aldeias, como na Itália, planejou apenas as sedes das colônias como núcleos de convergência administrativa. No aspecto social, não reservou atenção. (p. 305).

Nesse contexto de afastamento, a religião foi um dos elementos de coesão. De confissão Católica Apóstolica Romana, os imigrantes italianos começaram a construir os primeiros edifícios religiosos em seus assentamentos, o que também colaborava no processo de socialização, servindo de local de encontro. Toda a comunidade se unia em torno do intento construtivo, como apontou o cônsul Rizzardo Rizetto, que, em visita ao estado do Espírito Santo em 1905, relatou:

Em Curubicá, não existe capela; os colonos estão agora construindo, prestando cada qual gratuitamente, para isso, alguns dias de trabalho. Como a terra presta-se para fazer tijolos, já prepararam 70.000 para a nova igreja. (Rizetto apud Posenato, 1997, p. 308).

Rizzetto admirou-se quando constatou que, no município de Alfredo Chaves, a proporção era de uma capela para cada 122 habitantes, ou seja, de 10 a 15 famílias (1905 apud Posenato, 1997, p. 307). Isso explica o quantitativo de igrejas do município, que com uma área de aproximadamente 616,50 km², possui 49 igrejas distribuídas nos distritos de sua zona rural.²

Quanto ao estudo do desenvolvimento da arquitetura de imigração italiana no Espírito Santo, destaca-se o trabalho de Posenato (1997) que as distingue em quatro áreas: a residencial, a comercial, a religiosa e a industrial. Tomando como base a expectativa de duração dessas construções e a evolução nas formas de construir do colono, o autor realizou uma classificação de sua arquitetura em construções provisórias - marcadas pela precariedade das condições e a rapidez construtiva para abrigar as famílias - e arquitetura permanente, divididas nos períodos primitivo, apogeu e tardio. Sobre as construções residenciais, sem a presença de engenheiros ou de arquitetos, eram pensadas conforme a necessidade dos colonos. As construções eram erigidas pelos próprios membros da família e nelas empregavam-se recursos e materiais do entorno, como madeira, barro e palha. O período de apogeu corresponde ao ciclo do café, em que os recursos financeiros começaram a aumentar nas comunidades e, consequentemente, diversificaram-se o uso de materiais e de técnicas, com a presença de tijolos, telhas em cerâmica e coberturas metálicas. Sobre isso, relata Derenzi:

Os que chegaram até os meados de 1880 e obtiveram terras adequadas conseguiram construir suas casas, quase todas de dois pavimentos, de esteios ou tijolos, cobertos de folhas de zinco. (Derenzi apud Posenato, 1997, p. 65)

Em relação às igrejas, os líderes religiosos responsáveis pela edificação das capelas e templos eram os *fabbricieri* (fábriqueiros), ou seja, leigos que dirigiam as construções e realizavam sua manutenção, como aponta Carnielle:

Os fábriqueiros eram uma instituição vigente no Vêneto e que foi introduzida no Espírito Santo. Entre nós, alguns deles quase se autodefinem como “Padres”, a maioria era constituída de pessoas sérias, humildes, piedosas e dedicadas. (2006, p. 253).

A influência de clérigos também era presente. Os padres, que visitavam as comunidades, mesmo que esporadicamente, parecem ter influenciado no processo de construção de algumas igrejas. Salvador (1978) relata a respeito

2 Dados produzidos a partir de pesquisas realizadas em subprojetos de Iniciação Científica (editais 20/21 e 21/22) pela autora do artigo e por orientandos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFES, são eles: “Inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves, ES” e “Segunda etapa do inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves, ES”.



Figura 3. Vista da Igreja de Santa Maria Madalena. No complexo contruído, além do templo, há banheiros, espaços para socialização com uma cantina, um campanário, uma escola e um cemitério no lado apostado ao terreno. Ao fundo, observa-se parte da paisagem do Vale de Santa Maria Madalena, em Matilde, Alfredo Chaves, por onde passa um dos córregos do rio Benevente. Fonte: acervo da autora.

de um padre do espanhol agostiniano que viveu por muitos anos em São João, distrito de Alfredo Chaves, exercendo influência na concepção de uma igreja de outra comunidade da região: “Foi este que idealizou o modelo da igreja de Santa Maria Madalena.” (Salvador, 1978).

Objeto de análise desse artigo, essa igreja está localizada no Vale Santa Maria Madalena e foi construída às margens de um dos córregos do rio Benevente, compondo a paisagem ribeirinha de Alfredo Chaves (Figura 3). Ao dirigir o olhar para o edifício, pergunta-se: a configuração da igreja construída estaria ligada a uma atitude dos imigrantes em manter as raízes da arquitetura do Vêneto, manifestando elos afetivos entre os colonos e seu lugar de origem?

Os laços de afeto entre os indivíduos e o meio ambiente podem ser compreendidos pela Topofilia, conceito desenvolvido por Yi-Fu Tuan (1974). Segundo o autor, há manifestações específicas do amor humano por lugar, que diferem em intensidade, sutileza e manifestação. O modo como os seres humanos respondem ao meio ambiente pode variar. Essa resposta pode ser estética (prazer/deleite visual), tátil (o sentir do contato físico) e sentimental que se tem pelo

ambiente. Mais permanente e mais difícil de expressar, a resposta sentimental percebe o lugar com o sentido de lar, local de lembranças do passado, meio de sobrevivência e de ganhar a vida (Tuan, 1980, p. 107).

Vale dizer que, no estado do Espírito Santo, algumas localidades em que foram assentados os italianos passaram a receber nomes que se remetiam à terra de origem dos imigrantes. O município interiorano de Nova Venécia, por exemplo, faz referência à Veneza, localizada na região do Vêneto, norte da Itália. Como já mencionado, o navio “La Sofia” chegou ao Porto de Vitória com famílias que foram destinadas à Colônia de Nova Trento, hoje distrito de Santa Cruz, município de Aracruz. O título da colônia refere-se à província italiana do Trento, também localizada na parte norte da Itália. Tal atitude de trazer referências estrangeiras, aponta para a tentativa de evocar as lembranças de um passado próximo, como também de criar um ambiente de familiaridade com o novo local de habitação, ainda que de início nominalmente, mas que também pode ser visto na arquitetura, especificamente, nas contruções de igrejas católicas.

Outra questão abordada nesse estudo é se o padre espanhol agostiniano, aquele que idealizou a igreja de Duas Pontes, teria baseado-se no modelo da Igreja de Santa Maria Madalena em Cannaregio, localizada na província de Veneza, uma das áreas que mais enviou imigrantes para o Espírito Santo. Quanto isso, não foram encontradas, até o momento, mais evidências da ação efetiva do padre espanhol quanto à escolha de um modelo para a construção da igreja local. Mas, quando comparadas, a Igreja de Duas Pontes e a Igreja de Veneza estabelecem pontos de contato no que se refere a sua plasticidade, especificamente, no aspecto visual da fachada principal dos edifícios.

Para o aprofundamento do estudo sobre o objeto desse artigo, realizou-se uma análise levando-se em conta os seguintes pontos: o programa arquitetônico do templo alfredense e de seu conjunto, as técnicas empregadas na sua construção, o partido, a comodulação e modenatura do edifício. Tais premissas vêm da proposição do arquiteto e urbanista Lucio Costa (1978), que conduzirão a leitura da Igreja de Duas Pontes. No trecho abaixo, Costa explica sua abordagem:

Quando se estuda qualquer obra de arquitetura, importa ter primeiro em vista, além das imposições do meio físico e social, consideradas no seu sentido mais amplo, o “programa”, isto é, quais as finalidades dela e as necessidades de natureza funcional a satisfazer; em seguida, a “técnica”, quer dizer, os materiais e o sistema de construção adotados; depois, o “partido”, ou seja, de que maneira, com a utilização desta técnica, foram traduzidas, em termos de arquitetura, as determinações daquele programa; finalmente, a “comodulação” e a “modenatura”, entendendo-se por isto as qualidades plásticas do monumento. (Costa, 1978, p. 130)

Inicialmente, no que diz respeito às necessidades de ordem funcional a satisfazer com a construção do edifício e seu complexo, ou seja, o programa, é

necessário pensar a respeito do que se esperava de uma igreja do fim século XIX construída por imigrantes. Os italianos procuravam um lugar em que pudessem expressar a sua fé, manter suas tradições e também socializar com os vizinhos e familiares. Era no entorno das igrejas que se mantinham as tradições populares com suas devoções, festas e se descansava da rotina semanal.

Observa-se que o conjunto arquitetônico de Santa Maria Madalena foi se desenvolvendo ao longo dos anos, na medida que prosperava a comunidade e surgiam necessidades de ordem funcional (Figura 3). Em relação aos aspectos do meio físico, no terreno onde localiza-se a igreja, passa um dos córregos do rio Benevente, algo propício para o fornecimento de água para a comunidade religiosa. Inicialmente, foram construídos o templo e uma antiga torre sineira, que foi substituída pela atual em alvenaria e que está localizada na entrada do conjunto. Com o tempo, para além das funções de culto, o terreno da igreja passou a aglutinar as atividades da comunidade. Para as datas comemorativas, foi construído um local coberto para a socialização com uma espécie de cantina, substituindo as barracas de madeira improvisadas que eram usadas nos tempos de festa. Banheiros em alvenaria também foram feitos. No entorno da igreja, foi edificada uma pequena escola para suprir a educação das crianças. Para o sepultamento dos entes falecidos, localizado no lado oposto do terreno, mais precisamente em uma pequena encosta, está o cemitério.

Para tratar da técnica e dos materiais utilizados, faz-se necessário isolar o edifício principal dos demais adjacentes. O templo é o único de todo o complexo que ainda possui aspecto e a estrutura original, mesmo que com algumas pequenas alterações realizadas a partir de reformas. As paredes desse edifício são portantes, por conseguinte muito espessas, cerca de 60 cm, construídas em pedra e argamassa para assentamento. Vale relembrar que os italianos recém-chegados aproveitaram a abundância de materiais da região, como barro, areia, madeira e pedra. Para o acabamento, as paredes eram rebocadas com estuque e caiadas. Atualmente, estão rebocadas e pintadas na cor verde. A cobertura original foi feita com material metálico e com estrutura de madeira. A presença da pedra como principal material construtivo evidencia uma mudança no uso dos materiais, ou seja, a substituição da madeira e de tijolos, muito comum nas construções das primeiras capelas. Além disso, a cobertura de material metálico, aponta para o tempo do apogeu da arquitetura ítalo-brasileira, segundo a classificação de Posenato (1997), em que esse tipo de recurso passou a ser utilizado. Assim, a igreja aparece imponente na paisagem rural como uma construção definitiva feita com materiais mais resistentes, fruto dos esforços de toda uma comunidade que se estabelecia na região e prosperava ao longo do tempo.

Em relação ao “partido”, nota-se na planta baixa da igreja o formato de cruz com os braços com terminação semicircular. Foram destinados espaços para janelas e entradas nas laterais (Figura 4). Quanto à organização espacial do interior, o altar-

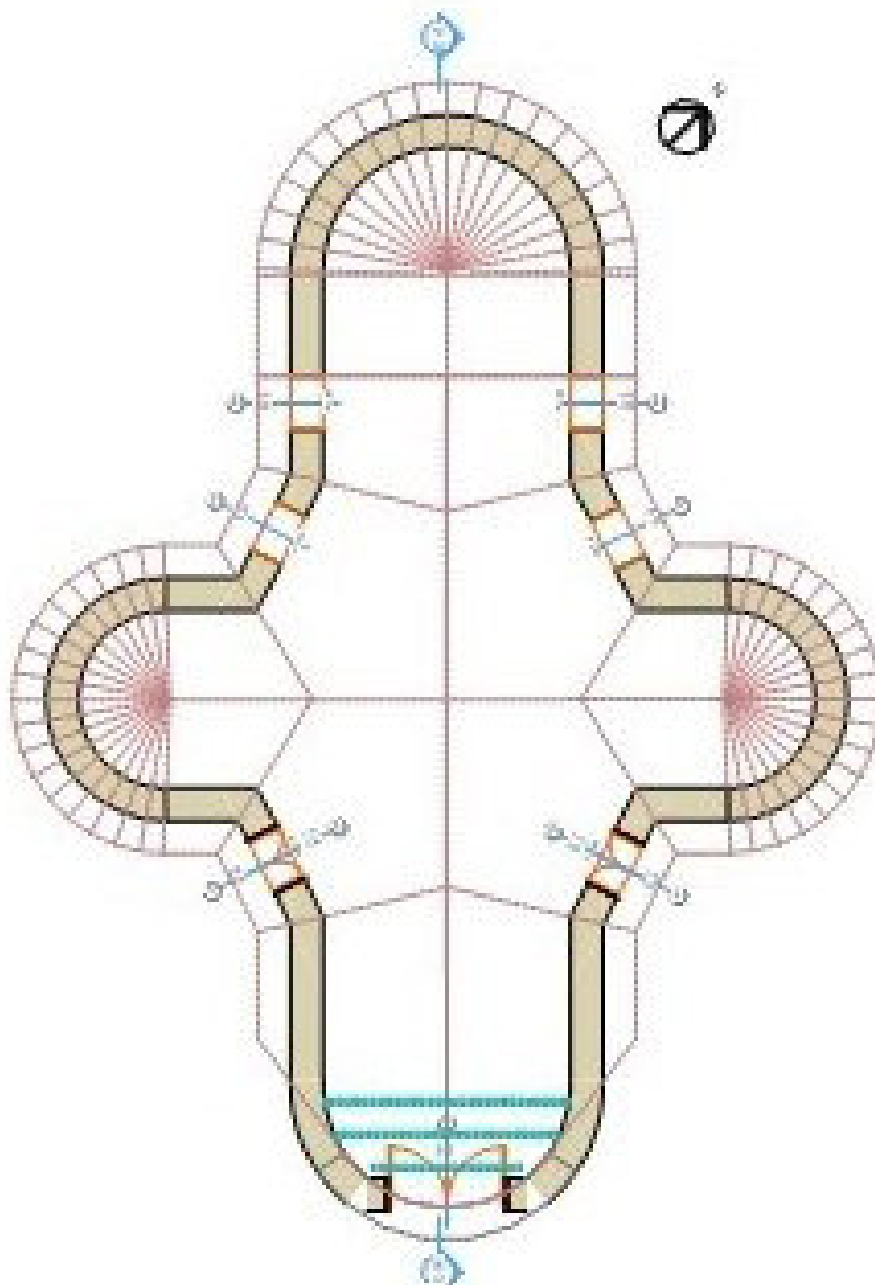


Figura 4. Planta baixa da Igreja de Santa Maria Madalena. Planta em formato de cruz com os barços em semi-círculo. Fonte: André Sechin.



Figura 5. Interior atual da Igreja de Santa Maria Madalena com o coro ao fundo, paredes brancas e escada em formato caracol na cor azul. Fonte: acervo da autora.

mor localiza-se próximo à cabeceira, há ainda dois altares laterais em cada braço da cruz, que abrigam as imagens dos demais santos de devoção da comunidade. Ainda preservado, está o coro original feito em madeira localizado na entrada da nave do edifício, aspecto muito comum em muitas igrejas do estilo barroco. Uma escada do tipo caracol dá acesso a esse espaço destinado aos cantores nas celebrações e nas missas (Figura 5). As demais edificações, que se aglutinam ao redor do edifício principal, complementam as necessidades do programa como espaços funcionais.

Nas qualidades plásticas da Igreja de Santa Maria Madalena, chama a atenção o movimento sinuoso que se faz na planta em formato de cruz, algo inédito quando comparado às demais construções da mesma época na região, que não seguiam tal traçado. O desenho da planta é, portanto, algo peculiar para época, substituindo o aspecto rudimentar das primeiras capelas construídas. Acompanhando o movimento da planta, uma platibanda com terminação sinuosa, esconde o telhado, demonstrando um esmero construtivo (Figura 1).

Em relação à análise estilística desse edifício, adotou-se como pressuposto teórico-metodológico os estudos de Panofsky (1991) sobre iconografia e iconologia.³

Compreendendo a possibilidade de se fazer uma História da Arte como uma História das Imagens, o autor expõe um caminho para identificação de temas das obras de arte e de interpretação dos seus significados em três níveis que se organizam, sucessivamente, em descrição, análise e interpretação. O primeiro nível, trata-se de uma descrição dos elementos e motivos artísticos presentes, em que há identificação do tema primário ou natural pelas “formas puras”, essa fase denominou-se como pré-iconográfica. O segundo nível trata-se de uma análise iconográfica, ou seja, a identificação do tema. A terceira etapa, chamada iconológica, o significado intrínseco ou conteúdo da obra é apreendido. O autor diz ainda que o significado ou conteúdo “[...] revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (Panofsky, 1991, p. 52).

Vale dizer, que os estudos iconográficos em arquitetura não se restringem às análises das obras de arte que lhe são agregadas (esculturas, vitrais, quadros) e seus temas e significados, mas é possível estabelecer uma iconografia arquitetônica centrada na descrição dos elementos propriamente ditos do edifício, como cornijas, frontões, colunas, torres, ornamentos, adornos e etc, que manifestam a configuração de um estilo e/ou estilos. A compreensão e a exposição desses elementos correspondem à descrição pré-iconográfica. A partir dela, pode-se levar a percepção das diferenças estilísticas que ocorrem ao longo do tempo, identificando uma história dos estilos, sem se deter ao purismo de uma

3 Erwin Panofsky expõe esse método no livro “Significado nas Artes Visuais”, de 1955, especificamente, no texto “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte na Renascença”.

descrição apenas formalista, mas realizando um aprofundamento em nível do alcance de significados e a compreensão dos monumentos como manifestações de sintomas de um tempo específico, questões essas relacionadas aos estudos de iconologia.

Seguindo a proposição Panofsky (1991) em relação a etapa pré-iconográfica, cabe nesse momento realizar uma descrição dos elementos presentes na fachada principal da igreja. Como já mencionado, na frente do edifício encontra-se uma platibanda em formato sinuoso contornada por uma cornija. Duas pilastras encimadas por coruchéus em formato piramidal flanqueiam as paredes. Um óculo localiza-se ao centro. Os fiéis são recepcionados por uma portada ornamentada por frontão triangular com cornijamento fraturado. Na entrada, há uma porta almofadada ladeada por duas colunas lisas. Encimando a igreja, está um cruzeiro de material metálico. Nota-se, portanto, a presença de elementos classicistas, como frontões, colunas e cornijas, que junto as linhas curvas que formam o edifício, como também do coro no interior com escada em caracol, evocam uma solução estilística tipicamente neobarroca.

Quando comparadas, tanto a igreja veneziana de estilo neoclássico e a igreja alfredense com ares barrocos, não priorizam ângulos retos, dando preferência pelo movimento circular. A relação entre os edifícios continua, quando se observam as fachadas. A igreja de Duas Pontes parece simplificar a portada, não reproduzindo fielmente a da igreja de Veneza, contudo, a evoca ao realizar um arranjo de elementos classicistas com o uso de colunas e um frontão triangular. Rompe ainda com o rigor dos motivos neoclássicos, quando “atualiza” a igreja italiana em terras brasileiras, exibindo cornijas fraturadas e criando um aspecto mais dinâmico, com sua platibanda sinuosa.

A relação entre a arquitetura da região norte italiana e as igrejas da paisagem alfredense também pode ser vista quando se estende o olhar para o conjunto das igrejas construídas no município, especialmente, no final do século XIX e no início do século XX. Nessas igrejas há a predominância estilística classicista. Uma hipótese é de que as igrejas mais antigas possuam esses aspectos como resultado de uma herança visual trazida pelos próprios italianos, já que no início da imigração, os fabriqueiros e seus descendentes não receberam ajuda externa para a construção desses edifícios, ou seja, provavelmente recorriam à memória. Pode-se pensar que houve a tentativa de rememorar afetivamente, por meio da arquitetura, o lugar, ou seja, a terra de origem.

Tal ponto pode ser demonstrado na semelhança entre o aspecto plástico e os elementos presentes na fachada da Igreja do Cristo Redentor, localizada em Ribeirão do Cristo - Alfredo Chaves (Figura 6) e a Igreja de São Pelagio Mártir (Figura 7), ambas com a predominância do estilo neoclássico. Esta última, foi construída em 1885 e está localizada em Treviso, norte da Itália. Vale dizer que muitas cidades italianas foram o berço do renascimento e do barroco e ainda



Figura 6. Igreja de São Pelagio Mártir, Treviso, norte da Itália. Em 1885, a igreja adquire o aspecto atual em estilo neoclássico. O campanário data de 1860 e está localizado à direita da imagem. Fonte: <https://www.parrocchiasanpelagio.it/luoghi-chiesa-parrocchiale>. Acesso em: 8 out. 2023.

conservam edificações originais nesses estilos, além das neoclássicas, que predominaram no século XVIII e XIX.

Outro aspecto a ser observado em várias igrejas centenárias da região de Alfredo Chaves é que a torre sineira não está presente na fachada principal. A ausência de torres nas fachadas das igrejas pode revelar uma solução arquitetônica típica da arquitetura de imigração italiana mais antiga. Ou seja, os colonos, utilizando materiais e recursos da região, construíam os campanários de madeira ou de alvenaria a uma certa distância da igreja, trazendo por meio da memória um aspecto típico da arquitetura católica do Vêneto (Figuras 2 e 6). Seguindo essa tradição, a igreja local de Santa Maria Madalena também exibe a torre sineira deslocada da fachada. A torre possui estrutura mais simples em alvenaria, feita com patamares e treliças, enquanto a da igreja veneziana (figura 2), apresenta aspecto mais elaborado e robustez, foi feita de tijolos e possui um relógio. Nas igrejas alfredenses, nota-se, portanto, uma ligação com a terra de origem, bem como um processo de adaptação regional, que se deu ao longo do tempo com a aquisição de recursos materiais e técnicas.

Vale dizer que se nota, também, um processo de assimilação no que diz respeito a atualização das igrejas antigas para os estilos em voga no século XX. Observa-se que os monumentos construídos a partir desse século, em sua



Figura 7. Igreja do Cristo Redentor, Ribeirão do Cristo, Alfredo Chaves. Data da construção: 1902. Exibe elementos neoclássicos como frontão, cornija, pilastras adossadas na fachada. Fonte: acervo da autora.

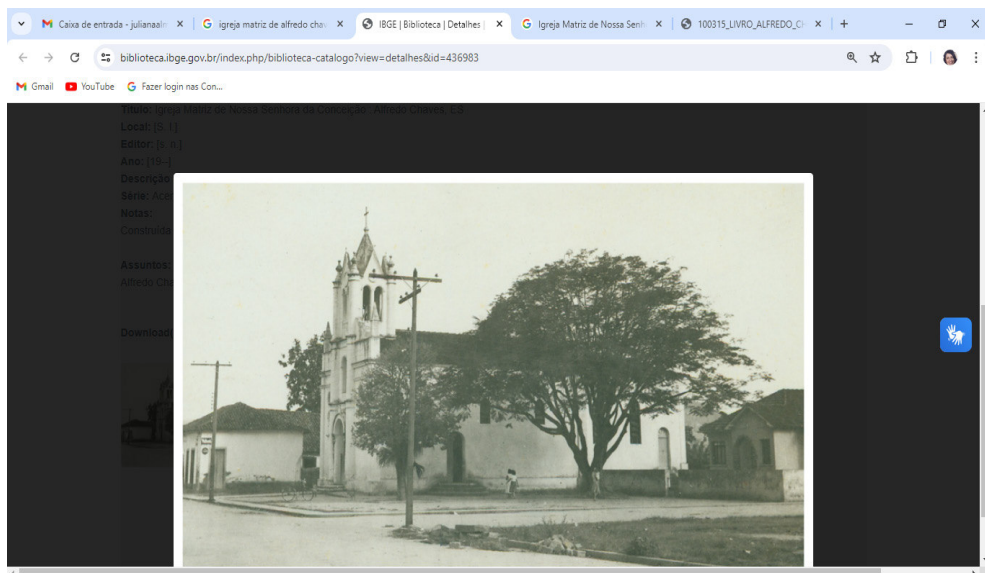


Figura 8. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição localizada em Alfredo Chaves, ES. Foto da fachada e da lateral da igreja com árvores e construções ao redor. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=436983>. Acesso em: 8 out. 2023.

maioria, são de estilos medievalistas, como o românico e gótico, com o emprego de torres nas fachadas, arcos plenos e ogivais, além de elementos que acentuam a verticalidade, como os arremates pontiagudos. Uma hipótese é que essas construções passaram a seguir o que se aplicava na capital do Espírito Santo.

Em 1918, foi iniciada a construção da Catedral Metropolitana de Vitória, finalizada na década de 1970. A catedral, em estilo neogótico, foi construída a partir da demolição da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, de estilo colonial barroco, considerado obsoleto na época. Observa-se que uma “onda” de estilos revivalistas, como o neogótico, neorromânico e o ecletismo, inundou os edifícios religiosos tanto na capital como no interior. Com isso, é possível pensar que os fabriqueiros, já com a vida mais estável, buscassem referências estilísticas e arquitetônicas no que havia de mais importante e recente, ou seja, os estilos em voga para além do município. Além disso, a presença de clérigos nas colônias italianas se torna mais frequente com o passar dos anos, o que poderia ter influenciado nas construções e reformas das igrejas.

A mudança das características plásticas, especialmente nas fachadas dos edifícios, pode ser vista em várias igrejas de Alfredo Chaves, como, por exemplo, na antiga matriz do município. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Figura 8), exibindo ares do ecletismo, foi construída para substituir o antigo templo atingido por um incêndio. Outro exemplo, é a Igreja de São Marcos, construída na década de 1980 (Figura 9). Percebe-se nela traços medievalistas em estilo neogótico e apelo a verticalidade, com janelas cegas e com aberturas de aspecto triangular,



Figura 9. Foto da fachada principal da Igreja de São Marcos, São Marcos – Alfredo Chaves. Igreja com traços medievalistas em estilo neogótico Datada de 1980. Fonte: acervo da autora.

a presença de pináculos nas extremidades e a torre sineira agregada a fachada.

Nota-se que nas igrejas construídas no século XX e nas mais antigas que receberam reformas nesse mesmo século, que as torres sineiras aparecem constituindo a fachada principal, substituindo a solução dos antigos campanários adjacentes aos edifícios. Sobre isso, Posenato corrobora:

A medida em que novas capelas, de maior porte e esmero construtivo substituíram as primitivas, o mesmo sucedeu com o campanário. Porém, ocorrendo segunda substituição, a capela então já consolidada como paróquia, com a intervenção na construção de padres e engenheiros, mudaram os modelos inspiradores, desaparecendo os campanários. Por influência destas matrizes, também as novas capelas incorporam torre sineira. (1997, p. 314)

A partir das análises e da reflexão aqui enunciada, nota-se que a constituição da arquitetura religiosa de imigração italiana em Alfredo Chaves estava ligada, inicialmente, a tentativa de manutenção das raízes da arquitetura da região de origem dos colonos, que se manifesta na plasticidade e nos elementos presentes nos edifícios mais antigos, remetendo aos aspectos das igrejas do norte italiano. Tal aspecto evoca sentimentos de familiaridade e de afeição, manifestam a consciência de um breve passado que deveria ser mantido e o amor ao lugar: a terra natal. Notou-se também, um processo de adaptação regional, que se deu ao longo do tempo com o uso de materiais e de técnicas locais, como também um processo de assimilação, com a atualização das igrejas mais antigas e a construção de novos edifícios nos estilos em voga no século XX. Nesse sentido, uma mudança de atitude em relação a certas convenções arquitetônicas, por exemplo, poderia ser sintoma de uma mudança de atitude mais ampla, em nível coletivo de adaptação e de atualização. Compreende-se, portanto, a arquitetura dessas comunidades como um patrimônio material vivo na paisagem ribeirinha do Espírito Santo que manifesta a identidade de um povo, exibindo os momentos históricos de sua formação, bem como as soluções técnicas e estéticas frente nova vida em terras brasileiras.

Referências

COSTA, Lúcio. **A Arquitetura Jesuítica no Brasil**. Arquitetura Religiosa. São Paulo: FAU/USP-MEC/IPHAN, 1978.

FRANCESCHETTO, Cilmar; LAZZARO, Agostino (Org.). **Italianos**: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. 1040 p. (Coleção Canaã; 20. Série Imigrantes Espírito Santo).

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte & cultura, 1997.

SALVADOR, Erineu Noberto. **Narrativa do histórico de fundação do povoado de São João – 1878**. 1 ed., 1986.

Juliana de Souza Silva Almonfrey

Doutora em Educação - linha de pesquisa Educação e Linguagens (PPGE - UFES). Mestre em Artes, área de concentração: Teoria e História da Arte (PPGA-UFES). Bacharel em Artes Plásticas (UFES). Professora Adjunta de História da Arte do Departamento de Teoria da Arte e Música (UFES).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5274-7630>.